

# Oito cantos sagrados

Marcelo Garbine

Plantei, na terra, mágica semente

Notei que berra, tragicamente

A serena Flor que vejo que brota

E que pena a dor, beijo idiota.

Néscio é o beijo desse jardineiro

Cresce o desejo, vê-se o corpo inteiro

Regozizar prazer do nascimento

Peculiar é o ser, novo rebento.

Tento explicar tamanha euforia

Vento do mar com sanha viria

Soprar a folha da ímpar Florzinha

Pra lá se recolha. Ela é só minha.

Ficam no ar, oito cantos bradados

A fecundar, coito santo sagrado

Primeiro, o semear dessa semente

Certeiro a cavar, apressa somente.

Pra que, prematura, ela nasça tão linda  
Buquê de ternura com taça se brinda  
Champanhe, derrama-se, naquela raiz  
Estranhe a grama, se tão bela Flor diz:

Que não é mais só verde aquele jardim  
Em vão, queres, mas vedes, que nasceu, enfim  
Colorida, minha Flor, que exala perfume  
Na vida tinha dor. Cala e acostume.

Com a doce umidade do ar que respiro  
Como fosse a cidade brotar desse lírio  
Eis que surgem abelhas voando nas flores  
Tal que fulgem vermelhas, trocando as cores.

Em segundo, o despontar da primeira folha  
Vem pro mundo estourar da champanhe a rolha  
Comemora, em terceiro, o crescer fina Flor  
É Senhora em canteiro e crê ser sina a dor.

A dor que, até no vegetal, forte lateja  
Se for a pé pro verde, tal norte almeja  
Diz: dói meus pés a caminhar florida vereda  
Destrói deus, fés e meu altar: ferida de seda.

A dor suave, eu diria, é o quarto canto bento  
Louvor, um Ave Maria, tão farto que me sento  
No gramado. Apoio queixo e olho botão abrindo  
E, cansado que dói, eu deixo o óleo escorrer, tão lindo.

Fúcsias oleosas fluem como rio no rosto abaixo  
Núpcias tão gostosas como não se viu, meu gosto, eu acho  
Casamento complacente foi entre Flor e homem  
Tormento estridente, no ventre, e dor somem.

O quinto é a Flor banhando-se na chuva  
Eu sinto minha dor virando-se na curva  
Ternura: água macia que cai do firmamento  
Já cura a mágoa e mania de “ai, que sofrimento”.

O sexto é, aqui, o sol que já raia amarelo, carmine  
Contexto do si bemol que espraia Marcelo Garbine  
Os raios que brilham e secam a ímpar Florzinha  
Lacaios se humilham e pecam por coisa tão minha.

Canta o sete a fria brisa muito fresca advinda distante rochedo  
E remete e suaviza à nababesca e tão linda amante, mais cedo  
Minha amante é a Flor com as suas pétalas bruxuleantes que missiva malversa  
Doravante, eu vou com minhas metas, mas puxo, antes, a flertiva conversa.

Carta roubada me fora, pois, se sabe Ela os meus mais íntimos segredos  
Farta e cansada, a Flor é dois D: donzela e deus, tais ínfimos os medos  
Pavor da pureza e do majestoso mesquinho é pequeno comparado ao cansaço  
Repor à minha mesa meu tão gostoso vinho chileno comprado no paço.

O Flerte meu com a Flor no festim do palácio de malvo  
Asserte meu que a dor no meu rim errasse o alvo  
E fosse parar bem distante do descanso que desfrutamos  
Tão doce e tão zen, amante, sem ranço, me escuta: te amo.

Enfim, o oitavo soneto sussurro à hemácia do sangue  
O fim de um bravo dueto: casmurro e iridácea exangue  
Florzinha bela e ereta, no fulgor da lua calma, se deleita em absinto  
Adivinha Ela, tão certa, o amor por sua alma que, na espreita, eu tanto sinto.

Marcelo Garbine